

CMP 2-1 f. 151 - 1

FUNDADOR
ALVARO RIBEIRO

DIRETOR RESPONSÁVEL
ALAOR PACHECO RIBEIRO

CORREIO POPULAR

ANO LII Campinas, sábado, 30 de setembro de 1978 — N.º 15627

PRESIDENTE
DR. SYLVINO DE GODOY
(1936 a 1970)
DR. EDVARD DE VITA GODOY
(1970 a 1976)

SUPERINTENDENTE
JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS
(1928 a 1954)

A Morte de João Paulo Abala o Mundo



NA CÂMARA ARDENTE

CIDADE DO VATICANO — Um guarda suíço perto do corpo do Papa João Paulo I que jaz em câmara ardente na Capela Clementina do Vaticano. (Radiofoto A.P.)

CIDADE DO VATICANO, 29 (AFP) — Com as feições crispadas e a boca entreaberta, o corpo de João Paulo I repousa desde ontem de manhã sobre catafalco de seda cinza em sua primeira câmara ardente na Sala Clementina do Palácio Vaticano.

O rosto do “Papa que sorri” reflete a dor do repentino enfarte que acabou com a sua vida 33 dias depois do início do seu pontificado.

A decoração é tão simples como ele queria que fosse o seu reinado espiritual: a sua esquerda, um alto Círio Pascal, símbolo da Ressurreição no alto um Crucifixo esculpido em mármore branco e, mais acima, um grande afresco alegórico sobre o Sacramento do Batismo, fonte da vida.

A uns dois metros de distância da multidão que, ainda consternada, queria render-lhe homenagem, Albino Luciani, filho de operário, leva por fim à mitra papal com ornamentos de ouro e uma casula de veludo vermelho com uma estrela da mesma cor e uma cruz dourada no seu interior.

Sob o seu braço esquerdo, a cruz pastoral de prata. Um Papa que como ele, desejava ser o “Papa do povo”, teria gostado de repousar nesta sala sóbria, dedicada a Clemente Oitavo.

O afresco central representa a interpeleção de Jesus a Simão Pedro o pescador: “homem de pouca fé, por que duvidaste?”.

Fora, os fiéis esperam. Em seus olhos pode se ler um sentimento de incredulidade: como uma Papa de 66 anos (incompletos) que há pouco mais de um mês tinha conseguido a adesão geral, pode abandonar tão cedo e fatalmente a sua tarefa?

Cada um lembra as anedotas mais significativas do falecido... “Era um Papa que nos aproximava mais de Deus”, afirma entre lágrimas uma anciã, “e parecia tão saudável e tão contente”, repetem os demais.

PESADELO

A pouca distância, um grupo de religiosas reza em voz alta. Saem os primeiros sacerdotes pelo grande pátio do Palácio, com os olhos vermelhos de pranto.

“Parece como se tivesse morrido em pleno pesadelo”, comentou o mais loquaz.

O presidente da República da Itália, Alessandro Pertini, o primeiro-ministro Giulio Andreotti e os demais principais dirigentes políticos, foram os primeiros a se inclinar sob os restos mortais de João Paulo I.

Quem foi e como viveu o Papa João Paulo I

CIDADE DO VATICANO, 29 (AP) — O Papa João Paulo I, Albino Luciani, da Itália, onde nasceu na aldeia de Forno Di Canale, em um vale alpino dos Montes Dolomitas, no dia 17 de outubro de 1912. Por muitos anos seu pai foi operário migrante na Suíça, até que conseguiu emprego nas fábricas de vidro de Murano, Ilha no Lago de Veneza. Sua mãe era uma camponesa forte e devota, segundo ele a descreveu.

Entrou muito jovem no Seminário e durante suas férias de verão voltava para casa e trabalhava no campo. Muitos dos aldeões de sua cidade natal, que foi rebatizada de Canale Dagordo em 1964, lembram-se dele andando pelo pasto com as vestes de seminarista.

Seu pai foi um socialista militante na aldeia mas não se opôs a vocação sacerdotal de seu filho. No Seminário e posteriormente na Universidade Gregoriana de Roma, onde se graduou em Teologia Dogmática, suas matérias favoritas foram a Filosofia, a Teologia e a Literatura. Recebeu as Sagradas Ordens no dia 7 de julho de 1935, e viajou a Roma para cursar a Universidade Gregoriana. Sua tese de graduação versou sobre o filósofo Antonio Rosmini, um sacerdote do século 19 que não gozou em vida da confiança da hierarquia eclesiástica.

Após graduar-se, Luciani regressou a sua aldeia natal como pároco, e depois passou a aldeia de Agordo, onde também ensinou religião em uma escola vocacional.

Desde 1937 e por uma década, foi vice-diretor do Seminário de Belluno, onde tinha estudado, e ensinou Teologia, Ética, Lei Canônica e História da Arte.

Em 1948, Luciani se converteu em um dos principais assistentes do Bispo de Belluno, com o título de vice-vigário encarregado do escritório da Catequese. Preocupou-se por tornar o ensino da religião mais simples, a fim de que os analfabetos pudessem compreendê-la. Relatou suas experiências docentes em um livro intitulado «Catecismo em Migalhas», que agora está em sua sétima edição.

«O VERDADEIRO TESOURO»

OS POBRES»

O Papa disse uma vez: «O verdadeiro tesouro da Igreja são os pobres, os pequenos, a quem se deve ajudar não meramente com esmolas ocasionais, mas sempre».

Foi Vigário Geral em Belluno durante 4 anos até que o Papa João XXIII o nomeou Bispo de Vittorio Veneto, diocese ao sul de Belluno, em 1958.

Em Vittorio Veneto, o Bispo de 46 anos teve que enfrentar um escândalo financeiro que envolvia dois sacerdotes que haviam se endividado e manipulado contas bancárias da Igreja. Luciani convocou os 400 sacerdotes da diocese e lhes falou da necessidade de que a Igreja fosse pobre. Depois saldou as dívidas dos dois sacerdotes com fundos da diocese.

Luciani se manteve em estreito contato com todas as paróquias de sua diocese, fazendo suas visitas pastorais, às vezes, de bicicleta.

Durante o Concílio Vaticano de 1962-65, o Papa disse que lhe custou muito se acostumar com as atitudes mais liberais da Igreja, porque estava acostumado aos ensinamentos eclesiásticos pré-conciliares.

A parte que mais me custou foi a da liberdade religiosa, disse posteriormente, sobre o decreto conciliar que declarava o Direito a Plena Liberdade e Igualdade dos Crentes e não Crentes. Referindo-se ao cardeal Alfredo Ottaviani, o rigoroso ex-chefe do Escritório do Santo Ofício acrescentou: Durante anos eu ensinei as teorias de Ottaviani sobre a lei, segundo a qual somente a única Igreja verdadeira (a Católica Romana) tinha direitos. Me convenci que estávamos errados.

Após 11 anos em Vittorio Veneto, o Papa designou Luciani Patriarca de Veneza, um dos cargos episcopais mais prestigiosos da Itália. Luciani foi o terceiro Patriarca de Veneza a ser ungido Papa neste século. Os outros foram Pio X em 1903 e João XXIII em 1958.

Uma de suas primeiras decisões em Veneza foi permitir que as paróquias se

desfizessem das jóias e riquezas da Igreja, usando o dinheiro para ajudar os pobres.

NÃO CONSERVADOS»

Quando os fermentos agitados pelo Concílio Vaticano chegaram a Veneza e a sua Zona Industrial Continental de Mestre, Luciani, pareceu ser conservador. Se pronunciou contra os padres operários e criticou os sindicatos por suas greves e manifestações.

O Patriarca que se recusou a usar o anel tradicional, símbolo de sua dignidade, dissolveu dois grupos de estudantes católicos depois que se declararam contrários a manutenção da concordata entre a Itália e o Vaticano e contra a recomendação episcopal de votar pela derrubada da lei italiana de divórcio no plebiscito nacional de 1972. Os italianos aprovaram a lei por uma proporção de 3 a 2.

Em 1975, Luciani recomendou a ação disciplinar para com os sacerdotes que falarão abertamente a favor do Partido Comunista ou outros grupos de esquerda.

Insistiu, porém, em manter-se de acordo com o Concílio Vaticano Segundo. Referindo-se ao Primeiro Concílio Vaticano de 1870, para o qual se voltam sempre os elementos arqui-conservadores da Igreja, e aos radicais que desejam ir além do determinado pelo Segundo, Luciani disse em um discurso após ser elevado ao cardinalato: o Primeiro Concílio Vaticano tem muitos seguidores. O Terceiro também. Poucos ficaram para o Concílio Vaticano Segundo.

Como Bispo e Patriarca, Luciani escreveu frequentemente artigos para os jornais católicos da área de Veneza, tentando explicar aos cristãos mais humildes as mudanças e a agitação no seio da Igreja.

Em uma série de artigos que depois publicou em um livro intitulado «Se Ilustríssima», escreveu cartas imaginárias a personagens famosos do passado, desde Charles Dickens a Mark Twain, de Santa Tereza de Avila a Penelope, de Goethe a Pinóquio.

O Papa recém falecido disse uma vez a um jornalista que «se não tivesse escolhido a carreira religiosa, teria se dedicado ao jornalismo».

Cardeal Marty: «Luciani continua sendo a esperança de todos nós»

PARIS, 29 (AFP) — «Os caminhos do Senhor são desconcertantes para as nossas perspectivas humanas», disse ontem o arcebispo de Paris Cardeal François Marty, ao ser informado da morte do Papa João Paulo I.

«A eleição do Cardeal Albino Luciani tinha sido para mim, como para todos, motivo de grande esperança, e continua a ser», acrescentou, uma prova para a igreja e para o mundo».

Em Roma, o primeiro-ministro Giulio Andreotti transmitiu ao Cardeal Jean Villot a «emoção» do governo diante da dor da igreja católica».

O Rei João Carlos primeiro da Espanha, em seu telegrama de condolências ao Cardeal Carmelengo Jean Villot destacou: O profundo sentimento de consternação e de dor do povo espanhol do qual com imensa pena filial partilhamos a rainha e eu».

Em Londres, o arcebispo católico de Westminster Cardeal Basil Hume expressou sua «tristeza pela repentina morte de um ser querido» e disse que o que ficará em sua memória «será a lembrança de um homem muito humilde e de sorriso acolhedor».

O Cardeal holandês Johannes Willebrands elogiou ontem de manhã «a fé, a paz interior e a alegria» do Papa morto e em Bruxelas, o primado da Bélgica Cardeal Suenes destacou sua «simplicidade, humildade e seu sorriso que, disse tinha revelado a todos tesouros de generosidade».

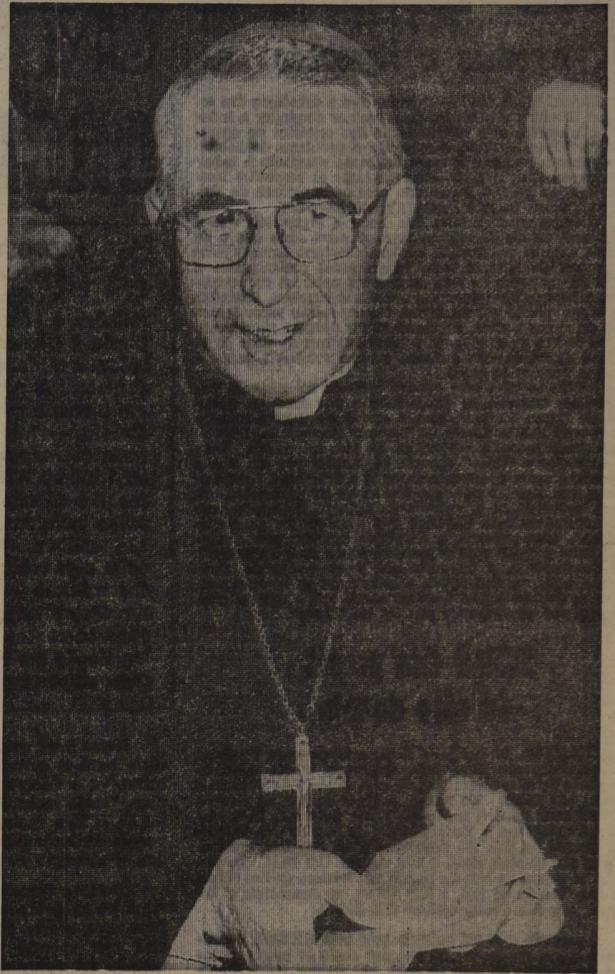
O líder do Partido Trabalhista Israelense Shimon Perez, que está em Paris para participar da reunião da internacional socialista, disse que João Paulo I foi um Papa «de boa vontade e como líder espiritual do mundo católico representou um espírito de paz e liberal».

COMUNHAO DO ESPÍRITO»

Em nome da Federação Protestante da França o pastor Georges Richard-Mollard, salientou a «nova provação que fere dramaticamente a igreja católica romana» e testemunhou «sua profunda simpatia na comunhão do espírito da ressurreição e na confiança na fidelidade de Deus».

Em Ecône, Suíça, o seminário tradicionalista de Dom Marcel Lefebvre, em giro apostólico pela França, fechou ontem de manhã para rezar pelo Papa João Paulo I.

«Como todos os discursos que pronunciou o Papa nas poucas semanas do seu pontificado nos edificou, vamos rezar mais do que nunca, disse o diretor do seminário, por seu sucessor na união com todas as Igrejas».



O povo consternado, reza pela súbita partida do "Papa Sorriso"

CIDADE DO VATICANO, 29 (AP) — Uma mulher rezando até o altar do Espírito Santo, na Basílica de São Pedro, com lágrimas nos olhos, pergunta: «E agora, que vamos fazer? Tinhamos um homem bondoso e ele se foi. Sua vida inteira foi um sorriso».

Devido à repentina morte do Papa João Paulo I, 34 dias depois de ter sido eleito Pontífice, milhares de fiéis consternados se reuniram na Praça de São Pedro e na Basílica, para despedir-se do «Papa sorridente».

«O Papa João Paulo I levou sua missão muito a sério. Queria dar tanto ao mundo», disse a irmã Marie Charles, de Paris, ajoelhada no altar da Basílica, enquanto rezava. A multidão reunida na Praça São Pedro, olhando para o vazio, parece não acreditar que a morte de João Paulo I já é um fato consumado.

Um homem comprou das mãos de um pequeno jornaleiro um diário, enquanto o vendedor gritava: «Extra, o Papa morreu». Depois, o mesmo homem, com o jornal na mão, leu a manchete escrita em letras vermelhas e chorou incrédulo.

Havia grupos de gente que pareciam estátuas, olhando fixamente para a janela dos aposentos do Papa, parecendo ignorar o mundo exterior. Já haviam postais do Papa João Paulo I, que os turistas compravam ansiosos para adquirir uma das poucas recordações do «Papa sorriso». Os

preços de alguns postais com o rosto do Papa imediatamente duplicaram de preço.

Franco Santini, um funcionário do Vaticano, chegou à Basílica na hora usual, às 6h30m da manhã, para começar seu dia de trabalho «Às 7h15m da manhã, um cardeal veio dizer-nos que o Papa tinha morrido. Não podíamos acreditar. Nem tivemos tempo de cumprimentá-lo e já se foi».

Na escadaria da Basílica de São Pedro, turistas falando em alemão, holandês, inglês e outros idiomas olhavam uns para os outros, já sem pensar nas férias que não tiveram.

«O POVO NA PRAÇA»

Como geralmente acontece quando se trata de uma morte, muitos pensavam em seus parentes. Segundo Josep Villaubi, um estudante de Los Angeles, tenho que dar um telefonema para meus pais. Quando souberem da notícia, vão sentir muito. Nós já o amávamos (referia-se aos norte-americanos).

O povo caminhava sem rumo na enorme praça de São Pedro, falando talvez não unicamente sobre a morte do Papa; a verdade é que todos buscavam a forma de manter certo contato humano nestes momentos de grande tristeza.

Segundo um clérigo da curia encarregado das igrejas do Oriente, John Mc-Carthy, nem tivemos tempo de refletir sobre o significado de tudo isto. Enquanto Mc-Carthy falava, os sinos da Basílica replicavam em luto pela morte do Papa sorriso.

Nada podia prever o fim de sua vida

CIDADE DO VATICANO, 29 (AP) — Nas que haveriam de ser suas últimas atividades como Papa, João Paulo I projetou a mesma imagem que ficará como sinal característico de seu curto pontificado de 34 dias; a de um homem sincero e feliz que ri e faz rir a todos.

«O Papa João Paulo nos pareceu tão feliz. Nada parecia prever nele que ia ser o último dia de sua vida», disse o cardeal Julio Rosales, das Filipinas, que foi uma das últimas pessoas a vê-lo com vida.

O cardeal e seis bispos da região se entrevistaram com o Santo Padre em sua última audiência ontem pela manhã. Os prelados estiveram reunidos com o Papa durante uma hora até o meio-dia e falaram da Igreja e das Filipinas.

«Estava muito contente de que poderia falar em italiano e começou a fazer-me perguntas em sua tonalidade jovial. Interessou-se por nossa diocese e por nossos problemas». As últimas fotos de João Paulo I, em vida foram tiradas ontem, durante a audiência com os bispos filipinos. Anteriormente o Papa havia se entrevistado com o reverendo Henri de Riedmatten, secretário suíço do Conselho de Caridade do Vaticano».

«O Papa João Paulo parecia muito bem, disse».

Falou muito sobre a necessidade que têm todos os católicos de fazer o máximo de esforços para promover a justiça e a paz e a forma cristã.

Insistiu em dar prioridade e evangelização, em propagar a mensagem de Cristo, adiantou.

Também falou muito do Líbano e do sofrimento dos libaneses na continuação da luta nesse país, acrescentou. Era a primeira vez que me reunia com ele em particular e comprovei que era o homem sincero e feliz do qual todos falavam. Saímos do encontro com o coração pleno de gozo.

«CUMPRIR SUA MISSÃO»

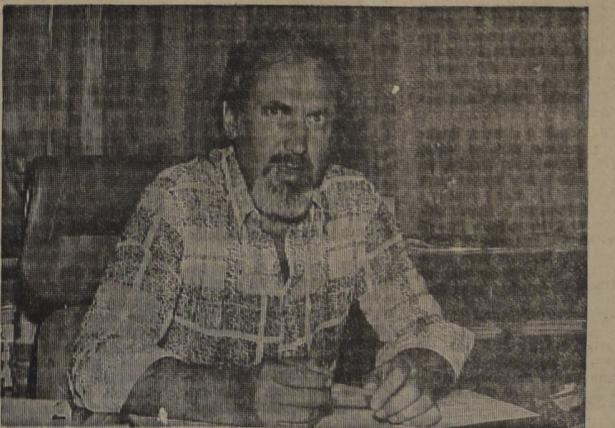
Em seu último discurso público durante a audiência com os Filipinos, o Papa João Paulo disse que a mensagem cristã ia além da libertação econômica e social até a vida eterna e assinalou que o único país católico da Ásia (Filipinas) deveria cumprir sua missão «com palavras e exemplo ante seus vizinhos», os povos dessa região.

Um dia antes, e na que haveria de ser sua última audiência geral semanal aos peregrinos, o Papa foi saudado quarta-feira com estrondosos aplausos e gritos espontâneos de «viva o Papa», que ressoaram por toda a Basílica de São Pedro. O Santo Padre encantou a multidão na moderna sala de audiências Nervi, semelhante a um auditório, enquanto conversava sorridente com os peregrinos, com palavras sinceras e tom familiar.

O Pontífice riu com frequência quarta-feira e fez com que todos rissem, sinal este característico de seu pontificado de 34 dias, ao mesmo tempo em que falava de amor, de fome e dos enfermos para a multidão de 10 mil pessoas. Ao transmitir seu amor aos doentes, o Pontífice de 65 anos, de aspecto saudável, disse: «O Papa já esteve hospitalizado oito vezes e foi operado quatro vezes». Assim como em sua primeira aparição, um mês antes, João Paulo I estabeleceu uma imediata comunicação com a multidão. Ama a todos, pelo menos um sentirá, «declarou à peregrina norte-americana de 90 anos, Caterina Peppone. «Tens um rosto bonito», adiantou. Um cidadão da Índia, Rajashree Deri, expressou: «está cheio de amor e boa vontade». Pouco depois do meio-dia, ao concluir sua quarta audiência geral, João Paulo caminhou com passo firme e sentou-se em seu trono portátil para que todos pudessem vê-lo.

Freiras e prelados, anciões e jovens o aplaudiam e gritavam mais uma vez: «viva o Papa».

Foi eleito o comerciante do ano: TERIGI GOTTARDO FERRARI



Escolhido pela Associação dos Comerciantes de Materiais de Construção, Terigi Gottardo Ferrari é Diretor Presidente das empresas — SIDERACO — Mercantil e Industrial Ltda, e Industrias e Comercio de Sorvetes LA TORRE DI PISA.

«O concurso — diz Ferrari — é uma feliz idéia já que estimula a classe, cria um saudável espírito competitivo e, por outro lado, une todos aqueles que a compõem».

O comerciante do ano/78 é italiano, veio para o Brasil com 14 anos de idade e reside em Campinas desde os 17 anos, onde sempre atuou no ramo de vendas e, onde, por seus próprios esforços ganhou

posições e, hoje, é destacado comerciante e industrial da cidade. Seu campo de ação centraliza-se nos ramos da Siderurgia, Hidráulica, Materiais Elétricos, todos ligados à construção civil. Casado com Jadete Rezze Ferrari tem três filhos, Terigi Roberto, Carla e Rodrigo.

Ontem, no Cultura Artística, num jantar festivo que reuniu expressivos nomes dos setores industrial-comercial e bancário de Campinas e Região, Terigi Gottardo Ferrari, foi saudado pela Associação dos Comerciantes de Materiais de Construção e recebeu oficialmente o título dos mais merecidos.

(*)

viagens?
as melhores agências só em

dicas

às 3^{as} e 5^{as}.

Empresário paulista faz sugestões a Figueiredo

BRASILIA, 29 (AE) — Romper com a ortodoxia das soluções atualmente adotadas para melhor combater a inflação, começando pela reformulação dos critérios de operação do "Open Market", e reavaliar o problema de habitação popular, atualmente excessivamente vinculado à indústria de construção civil — foram estas as sugestões levadas hoje ao general Figueiredo pelo ex-presidente de Bolsa de Valores de São Paulo, Alfredo Rizkallah.

O empresário paulista fez sentir a Figueiredo que o problema da dívida interna torna-se mais sério que o da dívida externa na medida em que funciona como agente propulsor da inflação, com repercussões preocupantes a nível da qualidade de vida de grandes camadas da população, atingindo diretamente o social e o humano. Rizkallah observou que 75 PC da dívida interna serão amortizados nos próximos 5 anos, enquanto 50 PC deverão ser amortizados dentro de 90 dias. E acrescentou que de final de 73 a final de 77, quando a dívida externa cresceu 5 vezes, a interna cresceu 10 vezes.

A solução para este quadro também foi sugerida por Rizkallah: Controle da dívida interna por meio de alteração do "Open Market", com o que o mercado financeiro absorveria menos Letras do Tesouro Nacional — LTN — pela diminuição da velocidade do giro da moeda. Lembrando que o "Open" operava 10 bilhões por dia o ano passado e agora opera com entre 70 e 80 bilhões, Rizkallah frisou que com tal expansão dos meios de pagamento torna-se muito difícil o controle da inflação, sugerindo uma substancial redução daqueles que podem ter acesso ao "Open". Este passaria a funcionar exclusivamente como regulador dos meios de pagamento e não mais como opção de investimento. A distorção que a seu ver existe, atualmente, pode ser constatada pelo balanço de empresas nacionais, multinacionais e de economia mista que auferem rendas não operacionais através do "Open".

SUNAB fixa preços do óleo de soja

BRASILIA, 29 (AE) — A Superintendência Nacional de Abastecimento fixou hoje, diferentes preços máximos de venda de óleo comestível de soja, a nível de atacado e varejo, por Estado. No varejo, o preço da lata de óleo de 900 ml será de Cr\$ 18,30; em Santa Catarina, 18,40; no Paraná, 18,50; em S. Paulo e no Rio de Janeiro Cr\$ 17,80; no Rio Grande do Sul, no Amazonas e em Roraima, onde os preços são os mais altos, a lata custará Cr\$ 24,10. No atacado, os preços da lata de 18.000 ml, variam de Cr\$ 330,74, no Rio Grande do Sul, a Cr\$ 447,98, no Amazonas e Roraima. Em São Paulo, custará Cr\$ 344,70.

A portaria, que foi baixada hoje pela SUNAB, permite sejam majorados em até três por cento os preços máximos de atacado do óleo de soja, nas vendas entre atacadistas não fabricantes e varejistas, mantidos os preços estabelecidos pelo consumidor.

Em outra portaria, a SUNAB autorizou o reajuste de até 13 por cento sobre os preços dos serviços prestados pelos restaurantes, churrascarias e similares, fixados pela Portaria Super n.º 12, de 17 de março deste ano. Segundo a portaria, continuam liberados os preços de bebidas servidas nesses estabelecimentos, desde que constem dos cardápios. Uma terceira portaria da SUNAB fixa os novos preços máximos dos serviços a serem prestados pelos bares, lanchonetes e similares, no Rio de Janeiro.

Bonifácio proibido de receber visitas

S. PAULO, 29 (AE) — O líder do governo na Câmara dos Deputados, José Bonifácio, que continua internado no Hospital da Beneficência Portuguesa, onde se submeteu, há dias, à intervenção cirúrgica para desobstruir bloqueios sanguíneos em duas coronárias, está proibido de receber visitas. Mas essa proibição será suspensa domingo, às 18 horas, para que o líder governista receba a visita do presidente da República, general Ernesto Geisel.

O chefe do governo virá a São Paulo a fim de participar do Congresso de Prevenção de Acidentes do Trabalho, no Parque Anhembi e aproveitará para visitar o deputado José Bonifácio.

O líder arenista, que teve implantadas duas pontes de sofena nas coronárias, recuperou-se rapidamente do tratamento cirúrgico a que se submeteu. Hoje, Bonifácio fez exercícios respiratórios e caminhou lentamente no interior do apartamento que ocupa naquele Hospital. Essas caminhadas serão intensificadas a partir de amanhã.

Até agora somente sua esposa e seus dois filhos é que tem acesso ao interior do apartamento número 24 do Centro de Recuperação do Hospital.

Decepcionante reunião de Velloso com empresários

RIO, 29 (AE) — A reunião que o Ministro do Planejamento, Reis Velloso, manteve hoje, com empresários do setor imobiliário, para a discussão da nova legislação que regulamentará o uso do solo urbano, foi considerada "decepcionante" por alguns desses empresários, "porque o ministro não trouxe nada por escrito e só falou de forma muito genérica".

Os empresários, que pediram para não ser identificados, esclareceram que Velloso se limitou a repetir os quatro pontos que nortearam as reformas: 1) Orientação do setor financeiro oficial para a aquisição da casa própria pela classe média e pelos trabalhadores;

2) Induzir o sistema financeiro privado para se voltar para faixas mais amplas da população e não apenas para as classes de maior renda;

3) Aumentar a disponibilidade de terrenos para fins de construção, evitando a utilização dos mesmos para especulação (aumento do valor da taxa do imposto sobre ter-

renos não usados ou subutilizados);

4) Evitar obstáculos que desfavoreçam a habitação para classes mais pobres, eliminando os códigos municipais elitistas (que só permitem construções com um número de metros quadrados que as tornam incompatíveis para o bolso das classes de menor renda).

Depois da reunião com os empresários no escritório da representação regional da Secretaria do Planejamento, no Rio, Velloso participou do almoço da diretoria da ADEMI — Associação dos Dirigentes das Empresas do Mercado Imobiliário. Foi quando, em discurso de improviso, voltou a falar nos quatro pontos básicos que nortearam a reforma da legislação que regula o uso do solo urbano, afirmando que "os problemas urbanos não podem trazer mais tensões que as atuais" razão pela qual considera necessárias "medidas de caráter preventivo capazes de evitar a piora da qualidade de vida".

Ainda segundo o Ministro do Planejamento, as medidas a serem tomadas pelo governo "não surpreenderão a ninguém, porque serão debatidas e divulgadas, com o respeito aos direitos adquiridos e mais do que isso, respeito às situações existentes, ainda que não configurem direitos adquiridos".

UM BILHÃO E MEIO DE CRUZEIROS: ORÇAMENTO DE CAMPINAS PARA 79

A PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA para o exercício financeiro de 1979 — receita estimada em 1 bilhão, 548 milhões e 17 mil cruzeiros — foi encaminhada à Câmara Municipal de Campinas, ontem à tarde, pelo prefeito Rui Fernando Amaral. A proposta, que será discutida em plenário na próxima sessão — segunda-feira — traz discriminados os percentuais correspondentes à Prefeitura, cerca de 1 bilhão, 422 milhões e 860 mil cruzeiros, e da administração indireta — onde estão incluídas as autarquias — cerca de 125 milhões, 157 mil cruzeiros. Essa receita será realizada mediante arrecadação dos tributos — segundo consta no documento divulgado — e outras contribuições correntes e de capital, na forma da legislação em vigor, bem como de outros dispositivos legais.

Nesse total que representa a proposta orçamentária para o exercício financeiro do próximo ano, informou o Secretário das Finanças, Bernardo Kaplan, "estão incluídos os 500 milhões correspondentes ao ICM e mais a arrecadação da Taxa de Prevenção de Incêndio, de acordo com o projeto de Lei que se encontra na Câmara Municipal".

Durante comentários entre alguns secretários reunidos no gabinete do prefeito, ontem à tarde, foi feita uma análise "a grosso modo" sobre o percentual que caberia a cada um dos contribuintes, quando foi detectado uma parcela anual de 1.500 cruzeiros ou 120 cruzeiros mensais. Alegaram, inclusive, ser um percentual justo para uma cidade cuja população de 700 mil habitantes, onde o crescimento atinge o índice de mais de 6 por cento ao ano.

Taxa de incêndio

O prefeito Rui Fernando Amaral explicou ontem sobre a implantação da taxa de prevenção de incêndios: "embora a taxa tenha sido aprovada baseado no projeto de Lei enviado por Francisco Amaral à Câmara Municipal em São Paulo, o executivo paulista enviou ao Legislativo idêntico projeto criando essa mesma taxa — de combate ao incêndio; taxa essa que será de 1.450 cruzeiros, cobrada anualmente, caso seja aprovada".

"A gente percebe — continuou Rui Amaral — que isso se constitui numa exigência dos grandes centros. Esse tipo de pagamento — argumentou — existe em diversos países. É evidente que a taxa a ser cobrada será módica, sem aberrações. A cobrança será efetuada em pagamentos trimestrais, junto com os impostos. Haverá, claro, um pequeno acréscimo. A instituição da taxa é necessária — explicou Rui Amaral — uma vez que a demanda de sinistros é intensa. E Campinas, com suas dimensões de verdadeira metrópole, tem que se curvar ante essa realidade".

Kaplan esclarece

O Secretário das Finanças, Bernardo Kaplan, na oportunidade esclareceu que a taxa a ser cobrada dependerá, primeiramente, do zoneamento. O valor dependerá de localização e a variação da importância da taxa será entre 300 e 700 cruzeiros. A peri-



O Orçamento para 1979, da Prefeitura Municipal de Campinas, sendo entregue ao Presidente da Câmara Municipal, pelo Prefeito Rui Fernando Amaral

feria pagará bem menos, afirmou Kaplan. E será bem menos daquela que será paga em São Paulo.

"A cobrança da taxa virá melhorar e atualizar os recursos necessários ao setimo Grupamento de Incêndio de Campinas — explicou Kaplan. Ela tem a finalidade de proporcionar melhores condições preventivas e efetivas de combate a sinistros na cidade de Campinas".

Indagado ao secretário sobre a posição do governo do Estado nessa história toda — uma vez que o grupamento é mantido pelo próprio Estado — Kaplan disse que "o grupamento é mantido pelo Governo do Estado e através de convenio a Prefeitura, supletivamente, fornece recursos para sua manutenção e adequação às necessidades da cidade, que cresce a taxa de mais de 6 por cento ao ano. Essa forma de colaboração das prefeituras é uma tônica em grande parte dos municípios paulistas. E muitas cidades já adotaram ou estão em vias de adotar a mesma taxa agora instituída em Campinas".

"Um exemplo marcante, continuou Kaplan, é o da cidade de São Paulo que, face aos mesmos e lamentáveis sinistros, viu-se na contingência de instituir a mesma taxa, para fazer frente as crescentes necessidades dos grupamentos de bombeiros já sediados".

Falando sobre a proposta orçamentária para o exercício financeiro do próximo ano, apresentada ontem ao presidente da Câmara, Lucídio Cazotti, e aos vereadores das duas bancadas, Kaplan disse que "o orçamento apresentado é muito menos do que a prefeitura precisa para o próximo ano. Na proposta não estão incluídas grandes obras".

Desapropriados

Bernardo Kaplan informou que até o final do ano a prefeitura deverá contrair novo empréstimo, junto ao Estado, para pagamento dos desapropriados. Concluiu dizendo que "um orçamento é uma ordenação e previsão de receita e despesas para um exercício. A sua aplicação objetiva pode redundar em variações acentuadas, dependendo sempre da honestidade de propósitos do poder executivo, sempre fiscalizado pela Câmara Municipal, além de outros órgãos".

Euler Bentes continua disposto a renunciar

RIO, 29 (AE) — O general Euler Bentes Monteiro continua disposto a renunciar sua candidatura, embora não faça comentários sobre o assunto e procure mesmo repetir, seguidamente, que vai cumprir "todo o programa estabelecido". Mas seus principais assessores não conseguem disfarçar suas preocupações em relação à renúncia, que não conta com o apoio da maioria deles.

Mas Euler Bentes Monteiro parece convencido que já deu a sua participação e cre mesmo que alguns objetivos foram alcançados, como, por exemplo, a "desradicalização". De acordo com seu raciocínio, já se conseguiu evitar atitudes radicais da mesma forma que se percorre um caminho legal com o primeiro projeto efetivamente de poder sugerido pelas oposições". E insiste em dizer que sua tarefa está cumprida, ou pelo menos, que um ciclo importante foi percorrido.

Da mesma maneira que no sábado decidiu — sem ouvir nenhum dos assessores — renunciar, o general Euler Bentes pretende encerrar sua participação após o comício marcado para a próxima sexta-feira, em Belo Horizonte. Daí em diante, a prevalecerem suas intenções, permanece co-

mo candidato até o dia 13 de outubro, quando está convocada uma reunião da Executiva do partido que, fundamentalmente, vai apreciar seu pedido de renúncia, por mais que os "principais dirigentes emedebistas digam que a convocação foi feita para determinar o fechamento de questão em torno da emenda Montoro". Nesta reunião da Executiva, se não houver outra solução, será feita a "denúncia do Colégio Eleitoral e a renúncia de Euler, anunciada". Só que daí em diante se retira da política, ao contrário do que desejam seus assessores.



Para Deputado Federal
Barreto Fonseca
Arena 173

Fundador e Diretor da Faculdade de Medicina e Enfermagem
Professor da Faculdade de Medicina, Direito e Odontologia da PUC.

Diplomado pela Escola Superior de Guerra, do Rio de Janeiro.
Médico-chefe do I.M.L.
Fundador da Unidade Respiratória de Campinas.

saúde educação humanização

COMPRAM-SE PORCOS A VISTA

COM CERTIFICADO DE SAUDE (MODELO 4)
Guiado para DARFRIGO — INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DE CARNES LTDA. — "S.I.F. 895"

Falar com Sr. ZILBER ou WALDEMAR pelo FONE: PABX — DDD 011 2085122 — GUARULHOS — S.P. ou com Sr. ADALRICO ou WALTER pelo FONE: 8-5191 — CAMPINAS — S.P.

BEBA CAFE MORAES

Tornado eletronicamente — Fria Carlos de Campos n.º 518 — Pedidos pelo fone 8-4521.

Nada vai mudar sem a sua ajuda. A FEAC conta com sua parte.

Colabore: Fones: 52-59-43 e 52-59-22

Brossard: Este país precisa é de Governo

RIO, 29 (AE) — O líder do MDB no Senado e candidato a vice-presidência, Paulo Brossard, afirmou em Fortaleza, que "este país precisa é de governo, que é o que ele não tem". Sob os aplausos das quinze mil pessoas que compareceram ao comício do MDB, o senador gaúcho foi muito firme nas acusações ao governo, especialmente quando montou uma paródia para o poema "Se", de Rudyard Kipling.

"Este país não tem governo porque se tivesse governo, não teríamos a corrupção de um lado e a inflação de outro. Se este país tivesse governo, não teríamos o território nacional invadido pelas multinacionais".

"Se este país tivesse governo, não assistiríamos o triunfo da corrupção. Se este país tivesse governo, não assistiríamos o chefe do Estado, usando recursos da Nação, sair em proselitismo em favor de um partido e de um candidato, coisa nunca vista até hoje neste país de tantos demandados e tantos abusos. Neste país em que tantos governos deixaram de ser modelares, neste país em que tantos governantes não foram exemplares, é a primeira vez que se vê o chefe do Estado usar recursos da Nação e do povo para se empenhar em favor de um candidato e de um partido" — afirmou.

Vendo os muitos jovens presentes ao comício, o senador gaúcho disse que eram pessoas que "jamais haviam votado para presidente da República, governador ou mesmo prefeito desta cidade". E fez uma advertência aos "usufrutuários, velejadários de um poder carcomido".

"Eles ainda podem ter sobrevivido, mas o título já está aberto para recolher seus restos. E não há força humana não há AI-5, não há 477, não há reforminha qualquer capaz de impedir a marcha triunfal do povo brasileiro. Mas a noite é curta para demonstrar e documentar o que um grupo de malfetores tem feito em detrimento do Brasil, profanando sua história, deturpando suas tradições generosas; conspurcando a sua moralidade e chegando ao ponto de desconfiar do povo brasileiro".

Quando a multidão em coro começou a gritar "chega de cavalo, chega de cavalo", Brossard pediu desculpas e perguntou: "Por que injuriar o cavalo, um animal tão nobre?" "Acontece que cada coisa no seu lugar: cavalo é para a cavalaria" — disse.

Ao ouvir um novo coro, "abaixo Figueiredo, abaixo Figueiredo", Brossard lembrou aos careneses que no país inteiro se comenta o derrame de dinheiro para beneficiar o candidato arenista ao Senado, no Estado. "Coisa interessante. Fala-se na pobreza do povo, mas também se fala na riqueza do governo. Então, estamos diante de um povo pobre e de um governo rico, de um povo necessitado e de um governo que esbanja dinheiro para corromper e para mudar o resultado das urnas".

CMP 2.1.7 15A-3

O mundo inteiro elogia qualidades do "Santo Papa"



— O papa João Paulo I, em visita ao Brasil, em 1977. A foto foi tirada por um dos fotógrafos da imprensa internacional que estava presente em Brasília. O papa estava acompanhado pelo cardeal Agostino Casaroli, então secretário de Estado do Vaticano. A foto foi tirada por um dos fotógrafos da imprensa internacional que estava presente em Brasília. O papa estava acompanhado pelo cardeal Agostino Casaroli, então secretário de Estado do Vaticano.

NOVA IORQUE, 29 (AP) — Católicos e não católicos expressaram hoje igualmente em todo o mundo seu pesar ante a súbita morte do Papa João Paulo I e elogiaram o calor humano, o amor e a fé que prevaleceram durante seu curto pontificado. Tanto em círculos governamentais como religiosos, em países católicos, não católicos, capitalistas ou comunistas, a notícia sobre a morte do pontífice provocou uma reação imediata. O Papa morreu de um ataque cardíaco nas primeiras horas da manhã de hoje, somente quatro semanas depois de sua consagração como Sumo Pontífice da Igreja Católica.

O presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, rendeu homenagem ao Papa numa declaração na qual disse que o finado Pontífice conseguiu a simpatia do mundo, adiantando que "o calor humano de sua personalidade e sua compreensão em relação a vida da gente humilde eram patentes a todos. Todos nós ficamos empobrecidos com sua morte".

Em Miami, onde se encontra de visita, sua mulher Rosalynn Carter disse que estava "surpresa e entristecida" pela morte de João Paulo I, ao qual elogiou por seu "calor humano, sua franqueza e seu amor".

Em Madri, o rei João Carlos disse numa curta entrevista informal com os jornalistas, que a notícia da morte do Papa lhe havia chegado de impacto. Por sua vez, o presidente Adolfo Suarez assinalou que não tinha palavras para expressar o efeito que lhe havia causado o falecimento do Pontífice. "Sua eleição trouxera a todos grandes esperanças para o mundo cristão".

Tanto o rei como Suarez fizeram estas declarações no aeroporto de Madri, onde foram se despedir do rei Balduino e de sua mulher, a rainha Fabiola, que concluíam uma visita oficial à Espanha.

"É DIFÍCIL ACREDITAR"

Fontes políticas disseram que a notícia havia causado uma forte impressão a Balduino, que teria declarado: "é difícil acreditar". Todos os jornais da capital espanhola publicam edições extras sobre a morte do Papa. O rei Juan Carlos e Suarez enviaram um telegrama de pesames pela morte do Pontífice ao cardeal Jean Villot, secretário de Estado do Vaticano.

Por sua vez, na Suíça, o Conselho Mundial de Igrejas expressou sua "profunda comoção" pela morte de João Paulo I, ao mesmo tempo em que a Federação Mundial Lute-

rana dizia que suas virtudes "deixarão marca" em todo o movimento católico.

O CMI adiantou que o Pontífice será lembrado por sua "simplicidade de coração aberto, seu espontâneo calor humano, sua vivacidade e rapidez na ação, sua preocupação pastoral e acima de tudo por sua declarada dedicação a Cristo e à Igreja".

Em Bonn, o presidente Walter Scheel disse numa mensagem de condolências ao cardeal Carlo Confalonieri, decano do Sacro Colégio em Roma, que "morte do Papa deixa numa profunda tristeza ao povo da Alemanha Ocidental. Nas poucas semanas de seu pontificado, conquistou a simpatia e o respeito do mundo inteiro por sua sincera dignidade e clareza de expressão".

O chanceler Helmut Schmidt elogiou o falecido Papa num telegrama enviado às autoridades vaticanas e disse que o governo alemão se faria representar por enviados especiais em seu funeral em Roma.

O cardeal Joseph Hoeffner, presidente da conferência episcopal Aleman, expressou em Munique que "a incompreensível morte do Papa situa-se além do entendimento. Deus o quis assim, por mais incompreensível e dolorosa que seja sua decisão".

"A EMOÇÃO DO POVO FRANCÊS"

Em Paris, o presidente Valéry Giscard Destains expressou a "profunda emoção do povo francês" ante a morte do Papa, num telegrama que enviou ao secretário de Estado do Vaticano, cardeal Villot.

"A França recebeu sua consagração como Pontífice com grande esperança", disse a mensagem de Giscard Desting. "Em poucas semanas, João I deu a seu pontificado uma significação que foi ao encontro das esperanças de todos os homens. O mundo recordará seu lu-

minoso sorriso e sua simplicidade pastoral", adiantou.

As autoridades disseram que a morte do Santo Padre não representava o cancelamento da projetada visita do presidente a Roma, no dia 25 de outubro. Embora não tenha sido confirmada oficialmente, informava-se que Giscard se reuniria com João Paulo I.

O primeiro ministro francês Raymond Barre, que liderou a Delegação Francesa a Consagração do Pontífice, disse ter ficado "surpreso" e "muito comovido" ao tomar conhecimento da notícia de sua morte.

O governo determinou que as bandeiras fossem hasteadas a meio mastro em sinal de luto em todos os edifícios públicos da França e em seus territórios de Ultramar durante um período de 24 horas.

Em Lisboa, o primeiro ministro Alfredo Nobre da Costa disse hoje que a morte do Santo Padre "encerra um pontificado que teria contribuído para a paz no mundo através da tolerância e do entendimento entre os homens".

Nobre da Costa declarou um período de luto nacional de três dias neste país predominantemente católico e as bandeiras foram içadas a meio mastro nos edifícios públicos.

O Mercado Comum Europeu enviou hoje de Bruxelas suas condolências ao Vaticano e disse que o Pontífice "inspirou apreço e esperança durante seu breve pontificado".

"O MUNDO SE INSPIROU COM AS SUAS SABIAS PALAVRAS"

Em Nova Delhi, o presidente da Índia, Elam Sanjiva Reddy, disse, referindo-se a morte de João Paulo I: "inclusive no curto período desde sua consagração, o mundo se inspirou com suas palavras sábias e preocupação em referência aos sofrimentos da humanidade".

Em Tel Aviv, o presidente israel-

ense Yitzhak Navon expressou o pesar de seu país em um telegrama dirigido hoje ao Vaticano, informou a emissora de rádio de Israel.

Em Varsóvia, o Departamento Religioso do Governo expressou sua surpresa e seu pesar pela morte do Papa.

Por sua vez, o cardeal Stefan Wyszyński, Primaz da Igreja Católica da Polónia, disse que "sua morte é um verdadeiro abalo para a Igreja Católica. Parecia que a escolha de um homem relativamente jovem permitiria a Igreja um longo período de paz sob sua chefia. Esta, contudo, não foi a vontade de Deus".

Em Viena, o presidente da Áustria, Rudolf Kirchschlaeger, que é católico praticante, disse hoje, num telegrama ao decano do Sacro Colégio em Roma, o Cardeal Carlo Confalonieri, que nas poucas semanas de seu pontificado, o Papa "transmitiu nossa crença de alegria e esperança no mundo inteiro. Com sua morte prematura, esta mensagem se enraizará ainda mais no coração dos povos".

O chanceler austríaco Bruno Kreisky dirigiu, por sua parte, um telegrama ao Cardeal Villot, no qual diz que o falecimento do Pontífice constitui "uma terrível perda" e que se sente profundamente comovido.

O presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, enviou uma mensagem de condolências ao Vaticano, na qual diz: "Estamos comovidos e profundamente tristes com a repentina e inesperada morte de Sua Santidade, o Papa João Paulo I".

"MORREU ACEITANDO A PROMESSA DE JESUS"

Acrescentou que, em nome de todo o povo da República Unida da Tanzânia e no meu pessoal, expresso nossa dor humana, com nosso reconhecimento do amor de Deus para todos os homens e nosso conhecimento de que Sua Santidade, o Papa João Paulo, morreu aceitando a promessa de Jesus, de "que aqueles que escutam minha palavra e acreditarem em mim, terão vida eterna".

O Arcebispo de Praga, Cardeal Frantisek Tomasek, disse à The Associated Press, pelo telefone, que "quan-

do a dor nos maltrata, não é possível falar". Expressou que o telegrama que enviou ao Vaticano, em nome da Igreja do seu país, manifestava seus sentimentos.

O telegrama diz, em parte: "A triste notícia nos afligiu a todos... E nos consolamos através da fé e da nossa dor".

O presidente da Grécia, Constantine Tsatsos, expressou ao Vaticano, em um telegrama em nome de seu país: "Comovidos pela súbita morte do Papa, participo do fundo de meu coração a dor que sua inesperada morte provocou à sede apostólica, à qual transmito minhas mais sinceras condolências".

O irmão do falecido Pontífice, Eduardo Luciani, de 60 anos, disse hoje que a morte do Papa o apanhara de surpresa, "porque a saúde de meu irmão era relativamente boa".

"Mas todos devemos estar preparados para a morte", disse Luciani em Adelaide, Austrália, onde se encontra com uma missão comercial de seu país. Luciani é presidente da Câmara de Comércio de Veneza.

A IGREJA DE CAMPINAS

Recebemos da Cúria Metropolitana: "A Igreja Particular de Campinas (Arquidiocese) se associa ao luto da Igreja Universal pelo falecimento do Santo Padre o Papa João Paulo I.

Desejando prestar ao saudoso Pastor da Igreja a homenagem da Fé, promoverá solene Concelebração Eucarística Exequial, no próximo dia 3/10, terça-feira, as 20 horas, na Catedral Metropolitana.

Convida a todas as Exmas. Autoridades a participarem desta Celebração Eucarística.

São convidados insistentemente todos os Sacerdotes do nosso Presbitério. Bem como, da mesma forma, Religiosas e Leigos.

Desejamos que, em todas as Paróquias e Comunidades, se façam orações especiais que signifiquem também a nossa união ao Sucessor de Pedro.

Cúria Metropolitana, COORDENADOR DA PASTORAL DEFINE JOÃO PAULO I

Com poucas palavras, mas procurando resumir nelas a certeza de toda a Igreja Universal sobre o grande papel desempenhado por João Paulo I no mundo, apesar do curto pontificado, o Coordenador Geral da Pastoral da PUCC, Padre José Antonio de Moraes Busch, comentou ontem a repentina morte do sucessor de Pedro, eleito há 33 dias: "Em apenas um mês de pontificado, o Papa João Paulo I conquistou nossos corações e a simpatia do mundo inteiro. Ele deixou uma imagem do Papa para o mundo de hoje e imprimiu um estilo para o anúncio do Reino de Deus nos dias atuais da história: seu sorriso de paz e amizade, seu gesto de carinho e confiança, sua atitude de firmeza com simpatia e caridade".

SUCESSÃO:

Nomes de candidatos já começam a ser cogitados

CIDADE DO VATICANO, 29 (AP) — Cinco cardeais italianos, entre 57 e 75 anos, já foram mencionados pelos observadores de assuntos do Vaticano como possíveis sucessores do Papa João Paulo I.

Esses observadores prevêem que o Colégio de Cardeais elegirá outro dignitário italiano com grande experiência em assuntos pastorais, como correu no dia 26 de agosto quando designou o cardeal Albino Luciani, o patriarca de Veneza, como o Papa João Paulo I.

Entre os prelados cogitados ontem, se incluem o cardeal Salvatore Pappalardo, de 60 anos, arcebispo de Palermo, na Sicília, o cardeal Corrado Ursi, de 70 anos, arcebispo de Nápoles, o cardeal Giovanni Colombo, de 75 anos, arcebispo de Milão, o cardeal Giuseppe Siri, de 72 anos, arcebispo de Gênova e o cardeal Giovanni Benelli, de 57 anos, arcebispo de Florença.

Porém, assinalam os observadores, frequentemente é eleito um cardeal não mencionado nas especulações sobre os prováveis candidatos, como ocorreu na última eleição. Um ditado comum no Vaticano diz que "aquele que entra no conclave como Papa, sai como Cardeal".

Luciani raras vezes foi mencionado como o possível sucessor do Papa Paulo VI. Era voz corrente que o novo Papa seria escolhido entre os experimentados cardeais da Cúria, a administração central da Igreja.

Houve inclusive quem prognosticasse que, considerando a universidade dos 700 milhões de membros da Igreja Católica e o atual predomínio de cardeais não italianos, um Papa estrangeiro poderia por fim ao domínio itálico do papado que há quatro séculos vem registrando.

SUCESSOR PODERIA SER OUTRO ITALIANO

No entanto, durante 20 dias de deliberações após a morte de Paulo VI gerou-se um consenso — com o acordo dos cardeais estrangeiros, segundo se informou — de que o próximo Papa deveria ser outro italiano, porém com maior experiência pastoral do que burocrática.

A imprensa italiana informou que Ursi e Siri foram considerados fortes candidatos junto com Luciani, no primeiro dia de votação, antes que o conclave se decidisse pelo Patriarca de Veneza.

Os arcebispos de Nápoles e Gênova são agora incluídos novamente entre os principais Papas italianos, ou possíveis Papas. Siri, cardeal há 25 anos, é considerado de tendência conservadora, enquanto que Ursi é tido como centrista. Já se disse que Benelli, principal colaborador do Papa Paulo VI, incluiu na decisão do conclave em favor de Luciani, porém, embora tenha grande experiência pastoral e

administrativa, poderia ser julgado demasiado jovem. Benelli também é considerado como de tendência conservadora.

Se os cardeais eleitores se decidiram por um Papa pastoral e italiano há apenas cinco semanas, não deverá haver nenhum motivo para que mudem a forma de pensar em tão pouco tempo, comentou um observador do Vaticano.

A se manter o critério anterior de que deve ser um italiano e com experiência principalmente pastoral, tem também grandes probabilidades os cardeais da Cúria Sérgio Pignedoli, Sebastião Baggio e Péricles Felici que, anteriormente, já figuraram na relação de prováveis sucessores de Paulo VI.

Entre alguns dos cardeais não italianos previamente considerados como possíveis candidatos se incluem o cardeal Jean Villot, o argentino Eduardo Pironio e o holandês Johannes Willebrands.

Saúde precária

CIDADE DO VATICANO, 29 (AP) — A saúde do Papa João Paulo I foi sempre precária, porém não tinha antecedentes de dificuldades com o coração. O Vaticano atribuiu a morte, ontem, do Pontífice, de 65 anos, a um ataque cardíaco.

Sua saúde sempre foi fonte de preocupação, disse sua sobrinha, de 32 anos, Pia, em entrevista telefônica a Associated Press, no dia 29 de agosto, três dias após sua eleição como Papa.

"Ele deve ter cuidado com o que come, com o tempo frio e o calor. É delicado, porém posso lhe dizer que é um hospital ambulante".

Quando nasceu, a 17 de outubro de 1912, Albino Luciani era tão diminuto que sua mãe Bortola chamou um sacerdote para que o batizasse no mesmo dia, no mesmo aposento em que ele nasceu.

Quando Albino nasceu era tão frágil que todos pensavam que apenas conseguiria sobreviver, disse sua sobrinha. Informou que seu tio foi internado duas vezes num Sanatório e operado em quatro ocasiões: para extração de amígdalas, reparação de um osso fraturado numa queda e extração de cálculos na vesícula.

O santo padre referiu-se às suas quatro intervenções cirúrgicas e suas oito hospitalizações em sua última audiência geral há dois dias, com a finalidade de transmitir sua compreensão e seu amor aos enfermos.

Um dos primeiros atos do Papa João Paulo foi convocar ao Palácio Apostólico uma freira, a irmã Vincenza, que o atendeu durante uma década e o assistia com um inalador para facilitar sua respiração e como disse Pia, lhe recordava quando devia tomar uma pílula ou um xarope.

Contribua com a FEAC como puder: Você estará ajudando a melhorar o mundo em que vive.

Colabore: Fones: 52-59-43 e 52-59-22

CLINICA CAMARGO
OLHOS - NARIZ - OUVIDO - GARGANTA
CONSULTAS - TRATAMENTO - CIRURGIA
LENTE DE CONTATO
RUA 13 DE MAIO, 69 - FONES: 31-2253 E 2-0285
CAMPINAS (38653) 14-10

ANTES DE FAZER SUAS COMPRAS CONSULTE
GIRAMODA
onde você encontra a dica certa sobre moda & beleza.
As sextas-feiras em
CORREIO ILUSTRADO

COMPRE NA: **LIDER**
LINHA COMPLETA DE TELEVISORES
A CORES OU PRETO E BRANCO

SEU CRÉDITO É APROVADO NA HORA - ENTREGA IMEDIATA

LIDER CONVÍVIO - R. REGENTE FEIJÓ, 1050 - TEL. 8-5234
LIDER CENTRO - AV. CAMPOS SALES, 710 - TEL. 2-1055
LIDER S. BERNARDO - AV. DAS AMOREIRAS, 1421 - TEL. 8-4842
LIDER SUMARÊ - AV. 7 DE SETEMBRO, 252 - TEL. 73-1376

O QUE RECEBEMOS ONTEM:

- Soquetes "Discoteque" novidade, listras douradas 46,50
- Soquetes algodão lisas com punho de cor 45,00
- Soquetes algodão lisas com punho listrado 45,00
- Meia-calça "Ballet" verão, Helanca fina 33,70
- Meia-calça "Christian Dior" novas cores 40,00
- Meias "Aço" para homens fant 60,00
- Idem, finas para verão ... 58,00
- Meias juvenis lisas 33,60 e 36,00
- Meias curtas "Eu sou da mamãe" 32,00

... e estoque completo de lenços
"PRESIDENTE"!
41 — Conceição
"A MEIA ELEGANTE"

COLUNA DO CASTELLO

Na fase da agressão

Carlos Castello Branco

BRASILIA, 29 (AJB) — O ponto alto da radicalização da campanha do general Euler Bentes, a qual começou a mudar de tom no comício de Fortaleza, deverá ser a liberação gradativa ou global do chamado dossie Hugo Abreu. O ex-chefe da Casa Militar da Presidência teria acumulado informações, obtidas no exercício da função de Secretário do Conselho de Segurança Nacional, relacionadas a atividades de pessoas vinculadas ao atual governo, do qual se afastou ao ser oficializada a candidatura do general João Baptista Figueiredo. Não parece haver qualquer tipo de acusação ao candidato, mas a alguns dos mais dedicados promotores da sua candidatura e seria com base nos elementos informativos de que dispõe que o antigo chefe da Casa Militar teria feito objeções à escolha do presidente.

Na época, a ofensa foi dada à metodologia da escolha, pois o general Abreu, ainda no exercício do cargo de confiança do governo, alegava que os chefes militares não assumiam o nome do chefe do SNI, carente ainda de uma estrela. Por conta própria, realizou sondagens junto aos comandos e ofereceu ao presidente no dia 2 de janeiro em documento escrito uma lista de seis nomes, dentre os quais dois civis, que poderiam encontrar receptividade no alto comando.

Quando a outro tipo de informações, o general Abreu decidiu-se a formulá-las num encontro pessoal com o presidente Geisel, o qual teve início na manhã seguinte no Palácio da Alvorada sem que pudesse prosseguir dada a reação exaltada do chefe do Governo ao que tomou como insinuações e rumores de ruína. O presidente defendeu enfaticamente a honorabilidade dos seus auxiliares e repeliu as informações do Secretário do Conselho de Segurança Nacional, o qual, de resto, não chegou a produzi-las de fato na presença do ge-

neral Ernesto Geisel. Violenta discussão pôs fim à tentativa de revelação e o assunto, desde então, mantido em sigilo, tem sido objeto de especulações.

O general Abreu não parece ter desistido ainda da idéia de tornar públicas suas acusações. Ele o faria como recurso extremo para traumatizar a opinião pública na véspera da eleição do general Figueiredo e pensando ainda, por essa maneira, influir no espírito dos responsáveis pela condução do processo revolucionário. Tendo sido o principal estimulador da candidatura do general Euler Bentes, o general Abreu não se conformou com o meio tom em que vinha se desenvolvendo a campanha e foi um dos que, em Brasília, realizaram pressões sobre o candidato para se tornar agressivo nos seus comícios e nas suas entrevistas.

A agressividade não parece contudo ser uma componente da personalidade do general candidato do MDB, mas já em Fortaleza ele tentou usar uma linguagem mais vivaz, enquanto, no palanque em que estava, o candidato a vice-presidente, senador Paulo Brossard, fazia as primeiras alusões abertas à corrupção governamental. Já no Senado, de resto, o senador Carreira, do Amazonas, aparentemente inspirado no dossie Hugo Abreu, lançou as primeiras farpas visando a ferir o chefe do Gabinete Civil e o secretário particular do presidente, situando no Plano Nacional as acusações que estavam sendo formuladas na Campanha Eleitoral do Amazonas relacionadas com o chamado projeto Jari. Os indícios são, portanto, de que a radicalização procurará atingir a imagem do governo e das suas figuras mais notórias de modo a não só influir na opinião pública, com vistas à eleição de novembro, como a mobilizar reações militares ainda antes de 15 de outubro.

O general Abreu poderá ainda falar, se considerar oportuno, antes que, em novembro, seja alcançado por medidas que o obriguem a se transferir para a reserva. O general esperaria morrer em Beaufort, desfechando um último tiro de canhão antes de desvirtuar a farda, com suas significativas três estrelas. Ele parece esperar, contudo, que o general Euler Bentes esgote os seus próprios recursos de campanha antes de tentar produzir o seu impacto.

O MDB obviamente se envolverá na campanha e na radicalização e muitos esperam que desse festival de acusações a oposição sairá fortalecida para as eleições de 15 de novembro. O partido opositorista e o seu candidato já não alimentam esperanças de vitória em outubro, muito embora a constante afirmação do general Euler Bentes de que se ganhar, visa a quebrar a timidez de simpatizantes enrustidos. Tudo indica, no entanto, que essa esperança é vã. Não só o voto no Colégio Eleitoral será dado a descoberto como o general Figueiredo fixou a imagem de vencedor, contra a qual dificilmente se rebelarão os políticos. O bombardeio dos senadores e dos generais de oposição dificilmente atingirão o alvo principal embora possam produzir estragos nos seus arredores.

Quando isso, o presidente da República pede votos para a ARENA, na certeza de que a lei Falcão não foi feita para silenciá-lo em qualquer período do seu governo. No Rio Grande do Sul ele pediu votos para o seu partido, alegando que é muito difícil governar sem a maioria do poder legislativo. A seu lado, no entanto, o governador Guazzelli ali estava como testemunho vivo de que não é impossível governar em paz contra a maioria da Assembléia, experiência a que vem se submetendo com êxito ao longo de quatro anos.

Apanágio da vida

É evidente que a morte do Papa João Paulo I apanhou o mundo de surpresa, numa demonstração coerente e insofismável de que, muitas vezes, além de servir como corolário intrínseco da vida tem ela designios insondáveis. Encarando-se o fim da existência terrena como circunstância lácita e de implicação exata, não havia, no entanto, a mínima cogitação de que o antigo Patriarca de Veneza, assumindo o trono pontifício há cerca de um mês, estivesse mesmo as portas de sua extinção física. Realmente, a morte condicionou os mistérios imperscrutáveis, acrisolados na alma humana. E não houve, jamais, um exceder da razão e da verdade, dotado mesmo da raciocínio sobrenatural, capaz de interpretar ou utilizar para o âmago dessa expressão universal.

Justifica-se, assim, a profunda emoção, em todo o mundo, do passamento imprevisto do Papa João Paulo I, que assumira os destinos da Igreja Católica sob a invocação dos princípios da humildade, dizendo a seus fiéis, em Veneza, logo após a eleição: "O que me espera, amedronta, mas tenho grande confiança na Providência e quase pediro perdão por ter aceito tão grande prova. Mas tudo está resolvido e só me resta embarcar. Todavia, é necessário que todos me ajudem. Sede meus irmãos. Apoiem-me intervindo sem erro e valei pelas minhas fraquezas".

Todos aqueles que tiveram a oportunidade de ver, pelo vídeo da TV, a solenidade de posse de João Paulo I, notaram que a Igreja Católica se achava no caminho certo quanto à escolha de sua pessoa para a sucessão de Paulo VI, tornando-se atenta a uma sucessão da pompa naquela cerimônia, atribuindo-se, ainda, ao responsável pela chefia da Igreja a imagem de tudo o que é simples, condição fundamental da arte

riorização do Belo e, conseqüentemente, a percepção intangível da simbologia do Eterno.

Há que se contestar, agora, o depoimento de porta-voz do arcebispo anglicano de Canterbury, de que a morte de João Paulo I sacudirá o mundo. Nada disso. Uma vida inteira dedicada ao pastoreio das almas, ao aprimoramento do valor espiritual do ser humano, através de gestos de bondade e desapego aos bens materiais, sempre ilusórios, não poderá provocar nunca um sintoma de convulsão, mas, tão só, a compreensão indelevel da infinita pequenez humana diante da grandiosa insondabilidade e magnificência do Universo.

Aquele que passa pela vida distribuindo bondade e morre com um sorriso discreto nos lábios, tendo praticamente às mãos o livro "A Imitação de Cristo", como aconteceu ontem com João Paulo I segundo o informe do cardeal Carlo Confalonieri, decano do Sacro Colégio, infunde e capta o respeito de seus semelhantes, irmanando-se, com perfeição no espírito vivo de São Francisco de Assis no êxtase do êxtase ao sol ou na devoção aos pássaros.

João Paulo I está morto. Não se firmou, logicamente, como grande líder da Igreja Católica. Acreditamos, também, que nunca lhe passou pela mente essa pretensão.

Porém, pelo que se conhece através de sua vida, no exercício da missão sacerdotal e nos poucos dias de assento no trono pontifício, deixou João Paulo I aos olhos do mundo, um legado de valor incalculável, representado pelo poder da humildade que encarna e envolve o ser humano, no seu contato transitório e constitui o apanágio e a essência da própria vida aqui na Terra.

MOMENTO ECONÔMICO

Comércio internacional e obrigações simétricas

Rolf Kuntz

A simetria das obrigações, nos processos de ajuste internacional, foi um ponto de vista lançado pelo governo dos Estados Unidos, em 1972, na fase inicial da reforma monetária. Sustentavam os representantes norte-americanos, naquela ocasião, que os esforços corretivos — como as variações cambiais — deveriam ser desenvolvidos não apenas pelos países deficitários, como em geral se admitia, mas também pelos detentores de excedentes nas contas externas. A conta de comércio dos Estados Unidos se havia deteriorado seriamente a partir de 1968 e o governo daquele país pretendia, simplesmente, que as economias superavitárias, como a alemã, assumisse parte dos custos do ajuste.

O ponto de vista defendido pelo ministro da Fazenda do Brasil em conferência na Universidade Johns Hopkins, antecorrendo, reproduz, na essência, a posição defendida pelos norte-americanos no início dos trabalhos da Reforma Monetária. Lembrou o ministro Simonsen que a comunidade internacional "dispõe de instrumentos de pressão muito mais fortes contra os deficitários do que contra os superavitários", e que é indispensável que estes últimos, "independentemente de quaisquer pressões, percebam a sua responsabilidade" perante os demais obviamente, a simetria de obrigações não deve referir-se apenas aos mecanismos cambiais. É preciso, tam-

bém, que os governos se disponham a outros instrumentos que afetam o comércio e, por extensão, a distribuição internacional dos salários. Na verdade, como observou o ministro brasileiro, a simples flutuação das taxas de câmbio tem sido insuficiente para proporcionar os ajustes necessários sendo precisos, portanto, linhas de ação complementares.

Indicou o ministro, igualmente, que os grandes desequilíbrios internacionais estão associados, hoje, não somente à drenagem de fundos pelos países exportadores de petróleo (que, de fato, estão realizando grandes esforços para redução de seus excedentes), mas também às políticas adotadas nos países industrializados (medidas recessivas, que contêm sua demanda de importações e mantêm elevado o desemprego, e políticas protecionistas, que atingem fortemente as exportações dos países em desenvolvimento). Sobre as normas de comércio, o ministro da Fazenda tem sustentado que os países em desenvolvimento devem receber tratamento especial, sendo-lhes reconhecido o direito de utilizarem certos mecanismos de estímulo às vendas externas.

Os debates sobre esses pontos têm-se desenvolvido bilateralmente, como governo dos Estados Unidos, e em termos multilaterais, no âmbito do Gatt. Em defesa de um acordo satisfatório, o ministro já concordou em realizar certos ajustes no sistema brasileiro de incentivos. (AE)

Câmara Escura

Boavista

SUNAB

O vereador José Nassif Mokarzel lavrando veemente protesto em torno da política que vem gerando dificuldades para a implantação de uma Delegacia da Sunab em Campinas. Segundo ele, 143 concursados e aprovados aguardam uma solução ao problema, especialmente porque, se a coisa não for socorrida a tempo o concurso para fiscais caducará ao fim de dois anos.

PRIETO

Arnaldo Prieto, aquele ministro que uma vez ao ano (nos 1.º de maio) aparecia, lia um discurso e depois se recolhia à «dolce vita», está, agora, tendo «efetiva» participação na vida nacional. Pelo menos é o que dizem seus amigos que nunca o viram tão exaltado fiscalizando as lideranças sindicais e prometendo castigo nos casos de greve.

POSSE

Dentro dos próximos cinco meses S. Paulo terá um novo mandatário, Maluf, seu vice, Marin e toda sua corte tomarão de assalto o Palácio dos Bandeirantes com o firme propósito de transferir a «Malufândia» para Brotas. O maior Estado da Nação terá efetivamente um marco em sua história: antes e depois de Maluf.

JANIO

Analistas políticos não ouviram com muita simpatia o ponto de vista do ex-presidente Jânio Quadros que, em entrevista dada à TV lamenta a saída de Geisel, ao mesmo tempo em que lançou a idéia da formação de uma Constituinte com o atual governante da Nação. Foi surpresa geral.

ROBIN

Depois de suas declarações (sábias declarações!) dizendo que no seu governo tiraria do rico para dar ao pobre, o General João Baptista Figueiredo ganhou novo apelido: «Robin Wood» contemporâneo.

COLÉGIO

Anotem aí: cada integrante do Colégio Eleitoral para eleger o novo presidente da República tem-lhe destinada uma verba de quinze mil cruzeiros, uma ajudazinha de custo para pagamento de viagem e hospedagem da pantomina de 15 de outubro. Não divulguem isso aí fora que o povo pula na carótida do elenco.

TAXAS

Não bastasse a maldição de enfrentar toda a sorte de impostos e um custo de vida assombroso, o camponês, agora, está fadado a pagar uma tal taxa de incêndio cobrada pela municipalidade, cujos parcos recursos lhe ativam a criatividade no setor pecuniário. Agora em coro «estão mexendo no meu bolso!»

S. Cosme e S. Damião...

Nair de Santana Moscoso

...«Não deixem o verão passar/Me dá um noivo/para eu me casar».

Aposto que todo mundo, cá pelo sul, só conhece como santo "casamenteiro", Santo Antônio, aquele simpático frade bonachão, tão milagroso, do mês de junho...

Mas pelos versinhos acima, que constituíram "cantiga de roda", nos meus dias de menina, S. Cosme também o é...

A Igreja Católica lhes comemora a data no mês de setembro - a vinte e sete. Aqui em S. Paulo, nunca se ouve falar deles. Mas, neste mês, muita gente me inquiriu a respeito. A TV mostrou-nos cenas de uma festa de S. Cosme e S. Damião, no Rio. Um gigantesco portão fechado, por cujas grades de ferro foram atirados às crianças (um mundarê delas), doces e guloseimas em quantidade...

Não existe explicação porque o povo assim comemora o aniversário de dois médicos famosos, — Patronos dos Cirurgiões — como se fosse aniversário de crianças. De origem árabe, eles viveram na época de Diocleciano e foram canonizados com santos, degolados que foram por amor de Deus.

Não sei se em outros Estados, além do Rio e Bahia, são assim festejados esses dois santos gêmeos, que na Bahia são chamados também "mabaços"... "Dois Dois" e "Os Meninos"...

Lá, quem tiver filhos gêmeos, tem o dever obrigatório de festejar esses santos. Mas, quem conhece a Bahia do Salvador sabe, que não só quem tem filhos "Mabaços" festeja S. Cosme e S. Damião...

Em todos os altares das Igrejas, missas são mandadas celebrar pelos "Meninos" (não sei porque "meninos"), geralmente em "pagamento" de pedidos que todo mundo faz: para "a volta de um amor", ou "obtenção de um emprego", para "sair casamento", etc... etc... As missas e as festas, são, pois, "pagamento de promessa"...

Na Bahia, a gente do Candomblé, que teima em chamá-los de "Meninos", toda se azafama para festejar esses "que eles chamam os "ibejos nagôs". Mas não só o Candomblé, mas todas as famílias — sejam pobres, da classe média mesmo alta, nas suas casas, festejam S. Cosme e S. Damião, de uma maneira "sui generis", fazendo parte do rico folclore baiano.

Lá não se dá a festa — como no Rio — com docinhos e guaraná, mas com suculentos pratos de caruru, vatapá, acarajé, abará, acaçá, xinxim de galinha e mais um mundo de comidas típicas, de fazer água na boca. Mas não obstante a variedade dos pratos, eles todos são rotulados com o nome de um deles, servindo de coletivo: o "Caruru de S. Cosme".

Assim, leitor paulista, se for à Bahia — em setembro, principalmente — e o convidarem para um "Caruru de S. Cosme", prepare o estômago para comer uma infinidade de pratos.

Mas bebidas, não... Embora a "comensina" seja entre adultos e crianças, na crença do Candomblé (que se estende à toda a gente), as crianças são as convidadas de honra... Assim sendo, nada de uisques, cervejas ou bebidas que "confeccionam álcool... Pimenta, também não, embora esta seja condimento obrigatório para tudo quanto é prato lá servido... E outrora, nos meus tempos de menina, terminava a festa, ainda com a distribuição de moedinhas de "tostão", para nós todos que fazíamos parte da garotada convidada... Hoje não — "Nem tostões, nem cruzeiros..."

João Lanaro

Rouxinóis cantam na estante

Embora abafados entre folhas de papel que, juntas, formam livros para mim preciosos, lá estão na minha estante, entre outros, os cantos de um punhado de mulheres-poetas cujos trinados ora emotivos, ora enternecedores, ora filosóficos, ajudam sempre quando, em forma de versos, são lidos e relidos, mormente em horas de evocação e sofrimento. Isto não é bom só para a gente, é sim para o mundo, porque — tal como disse Edmundo Rostand — "é preciso que haja no mundo sempre um rouxinol que cante, porque ele é a beleza, e a vida sem beleza não vale nada".

Foi nesse estado d'alma que amaneceu num dia destes, após um fato semelhante a uma batalha que procurei elidir do meu espírito. Na pequena sala onde estou diviso a estante, e nela, livros cuja leitura haverá de me dar a tranquilidade desejada. Então, trago junto a mim o primeiro, "Com uma rosa na mão", da lirica Anita Ferreira De Maria, autora laureada da cidade de Avaré. E ouço o seu canto: — "Quando a paz da morte/Absorver a interioridade do meu ser/A hora do sol pôr/Virás a mim/Tua prece, nas asas da tarde/aos céus se elevará e a brisa desfolhará/sobre o chão humilde que me agasalhará./Pétalas rubras, róseas, encarnadas./Guarda contigo as flores primorosas,/porque é minha/alma que floriu em rosas".

Um mais eu apanho; é "Minaretas do Sonho", de Marina Tricunco, cuja leitura levou Agripino

Grieco ao entusiasmo, e que reconheceu na autora "uma poetisa de extrema brasilidade, com a gentileza, a graça, a filigranada ternura das que melhor interpretam a alma afeituosa e simples do nosso povo." E ela me fala: — "Saudade! no rio, a lua com sono, o sol dormindo no mar.../Saudade!/Polhas caindo no outono,/minha Mãe, o teu olhar..."

Agora é Arita Damasceno Pettená, que através de "Poema do amor maior", com a graça que lhe é peculiar e a comunicabilidade fácil e espontânea, me diz: — "Tenho medo do tempo que corre/sem me dizer o rumo,/dos ponteiros que avançam/sem esperar por mim./É preciso deter as horas/e os tique-taques do cuco/que há tanta coisa que ficou pra trás/que eu temo e choro não chegar ao fim". E a vez de Elisa Barreto que escreveu nas letras com "Burbulho de Emocões" que, à página 47, confessa: — "Há muito tempo que ninguém me beija/Há muito tempo que ninguém me abraça./Há muito tempo que ninguém me ama./Por isso é que o meu coração deseja neste instante tão rápido que passa,/todo o amor que merece e que reclama". Tal como um canto de urupuru, canoro, mas triste, Karollina à página 121 de "Versos Tristes", fecha o seu "Limitações", assim:

— "Triste destino dos meus velhos sinos/que, de tão altos,/de cordéis tão finos,/meus dedos nun-

ca poderão tanger". Norma de Lourdes A. Guimarães saudou o nascimento do Menino Jesus, compondo estas quadras: — "Alvos lírios abriam-se nos campos,/Vestiu-se a Natureza de encantos,/Para saudar o dia de esplendor,/Em que nasceu o meigo Salvador".

São dezenas de folhas datilografadas à espera de se transformarem em livros (o que almejo acontecer breve). Suas autoras são Miriam de Nazaré Villola de Queiroz e Edu Coelho. Inspiradas tal como as demais que povoam a minha estante, ambas também cantam em versos tais como estes a começar pela Miriam que diz:

— "Este amor que é toda a minha glória,/a suprema glória desse anseio.../Um dia recordarei a nossa estória/em versos do mais sublime enlelo". Com Edu Coelho, encerro o meu enlelo, ouvindo-a, quando, através de "Meu encantamento" desabafa:

— "Virás a mim em noite coroada de estrelas, pirilampus que luzindo /mostrarão a minha alma enamorada/o roteiro de amor que irei seguindo".

— Mais um minuto, leitor: deixe que Victória Canellini às primeiras páginas de "Fases", também exponha o seu pensamento neste quarteto:

"Somos mistério independentemente, ternura, amor e alucinação, somos mígala cizante e somos nós/os dois mistérios neutros da paixão".

José Roberto do Amaral Lapa.

evitasse as colocações enumeradoras, com exemplificações que, procurando cobrir todas as áreas escravistas do Estado de São Paulo, permittem fazer o quadro de conclusões a partir desses exemplos.

Aliás, o chamado Velho Oeste paulista, é a região melhor contemplada a partir da investigação em fontes primárias e, portanto, também nas conclusões (o apêndice que publica, constitui documento de valia nesse sentido). Justifica-se esse privilégio pela abordagem adotada, uma vez que é na região de Campinas que os requintes de crueldade se expressam com maior vigor (p. 138), e daí portanto — concluímos nós — a multiplicação dos quilombos na mesma área (p. 140), o que afinal desmente uma certa tradição cultivada pelo conhecimento histórico local.

No que diz respeito à legislação, mostra o seu alcance limitado e as mil distorções que sofre ao nível dos exemplos denunciados e noticiados e que, de qualquer maneira, convenhamos terem ilustrado a demonstração pretendida pela obra.

Dessa maneira, o discurso da sociedade branca apresenta, entre outros, dois níveis: o abolicionista e o escravista, o que se evidencia nesse estudo. Entretanto, em certos casos, é possível que com relativa facilidade, com as mesmas fontes utilizadas pela autora, se possa habilmente recolher exemplos de indicadores também ilustrativos de situações contrárias às das suas conclusões. (Prosegue)

(1) Suely Robles Reis de Queiroz, "Escravidão Negra em São Paulo" (um estudo das tensões provocadas pelo escravismo no século XIX), Coleção Documentos Brasileiros, vol. 176, Liv. José Olympio Ed., Rio, 1977.

O mito do bom senhor

Esta obra, que constitui tese de doutoramento apresentada na USP, resultou de exaustivo trabalho de leitura e racional organização de um material — como convém aliás ao aparato acadêmico — que se distribui entre fontes primárias e secundárias sobre a escravidão em São Paulo, enfocada sob a ótica da violência e das tensões que envolvem o relacionamento das "classes" em permanente confronto (1).

Nesse sentido, o material estudado reúne o que temos de mais expressivo no atual estágio do conhecimento histórico sobre o tema. A "explicação histórica" e as propostas de análise e interpretação, que são colocadas em cima desse material, acabam por oferecer ao leitor um texto concentrado em algumas questões, pouco ou não exploradas pela bibliografia que investigou as mesmas sendas, quando não pelo menos um conjunto de informações que aqui aparecem melhor sistematizadas. Dessa maneira, por exemplo, é que são contemplados o problema dos libertos, o comportamento do Estado perante a escravidão, a legislação, suas aplicações e interpretações, etc.

Como demonstra a própria autora em seu segundo capítulo, o conhecimento científico sobre a escravidão negra em São Paulo constitui uma bibliotecas, na qual os estudos de História, Sociologia e Antropologia compõem adiantado acervo, embora, e estranhamente nesse sentido, seja-nos permitido observar que se utiliza apenas de um livro de Florestan Fernandes, quando no conjunto da obra ele avançou bem mais que no livro referido em hipóteses, reflexões e interpretações sobre o tema.

Trabalhando justamente essa bibliografia, bem como conferindo com extensa pesquisa arquivada, procurou restituir a instituição escravista ao longo do período em que se expandem as relações capitalistas de produção e domínio no campo, agitan-

do a massa escrava, inclusive afetada pelo processo de modernização urbana.

Preferindo metodologicamente identificar a escravidão como uma instituição, para tanto teve que proceder atenta revisão dos autores que, por caminhos e abordagens diversas, foram responsáveis pela montagem do conhecimento até agora gerado sobre o tema.

Assim, e apenas para citar alguns exemplos, as observações críticas que faz dirige-se, entre outras, para as obras de Florestan Fernandes (pp. 16, 17, 18 e 19), Gilberto Freyre (p. 137), Glóvis Moura (p. 139) e Artur Ramos (p. 144).

Nessa linha de revisão está, por exemplo, a presença e/ou participação — ativa ou inexpressiva — do escravo negro na economia e sociedade paulista do período colonial (p. 9). Entretanto, para esta e outras questões a pesquisa ao nível das fontes primárias poderia ter atingido possivelmente outro alcance em suas conclusões se a autora tivesse estendido a investigação aos arquivos portugueses, onde a documentação dos séculos XVI, XVII, XVIII e primeiro quartel do século XIX sobre São Paulo é farta, possuindo só o Arquivo Histórico Ultramarino 17 caixas de documentos inéditos. I. e., não publicados. Isso, para não falarmos nas dezenas de caixas dos documentos catalogados, que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro publicou em 16 volumes especiais de sua revista, com o título de "Catálogo de documentos sobre a História de São Paulo, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa", e onde encontramos resumos, ementas, transcrições e mesmo, em certos casos, reprodução integral desses documentos.

Por força da soma de informações e pelo tipo de abordagem que preferiu a autora, há passagens em que o texto se ressent de um tratamento que